



**PAISAGENS NA MEMÓRIA: O SIMBÓLICO NO CURSO DAS ÁGUAS DA BACIA DO  
RIO COISA BOA – CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA**

Débora Paula de Andrade Oliveira<sup>1</sup>  
Edvaldo Oliveira<sup>2</sup>  
Geisa Flores Mendes<sup>3</sup>

**PALAVRAS INICIAIS**

Sente-se na amplidão da paisagem, na agressividade  
de sua beleza, (...) a força telúrica de um mundo  
construído em épocas remotas pela violência  
incontida de todos os elementos naturais.  
Existiram. Viveram. Lutaram. Sofreram. Amaram e  
se odiaram na paisagem [...].

Walfrido Moraes

As palavras de Moraes (1963), em evidência, têm o propósito de instigar o leitor a adentrar nesse difícil, porém prazeroso desafio de romper com as fronteiras do pensamento disciplinar para uma melhor compreensão do lugar e da paisagem, na geograficidade que perfila nosso entendimento e o estar no mundo, pois como compreende Santos “[...] cada lugar é a sua maneira, o mundo” (2008, p.314). Nessa direção, a multiplicidade do olhar geográfico ao desvelar-se, sob o prisma da memória, torna possível vislumbrar novas abordagens para a compreensão da paisagem e do lugar, no encontro inevitável entre a memória e a Geografia. Como considera Holzer “[...] Qualquer trabalho que se refira à

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB). Bolsista UESB. Consultora em Geotecnologias e pesquisadora do Laboratório de Cartografia e Fotointerpretação. Membro do grupo de pesquisa Análise, Planejamento e Gestão Territorial (APLAGET-CNPq) e do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações (CNPq). Endereço eletrônico: deborapaulageografia@gmail.com

2 Orientador. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Professor adjunto do Departamento de Geografia da UESB e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UESB – PPGeo, Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: edvaldocartografia@gmail.com

3 Co-orientadora. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia., UESB/BRASIL. Endereço eletrônico: geisauesb@yahoo.com.br



espacialidade humana deve referir-se à memória” (2000, p.111).

Mendes compreende que “[...] tanto a memória quanto as representações são fenômenos socialmente construídos e estão sempre em curso, produzindo sentidos e territorialidades” (MENDES, 2009, p.54) que integram a geograficidade das relações entre os sujeitos sociais e o espaço.

Decifrar as paisagens que integram a bacia do Rio Coisa Boa, para além da simples contemplação, significa reconhecer a dimensão simbólica e humana da paisagem. Os sujeitos sociais que a vivenciam constroem suas representações e histórias de vida a partir da relação com a paisagem, compreendida como heranças construídas no encontro entre os tempos curtos e os tempos longos da relação sociedade e natureza (SUERTEGARAY, 2002). Ancorado nessa compreensão o propósito desse estudo consiste em compreender a dimensão simbólica e humana das paisagens da bacia do Rio Coisa Boa, em Igatu, na Chapada Diamantina, no Estado da Bahia - Brasil.

As águas dos rios dessa bacia imprimem significados e representações sociais na vivência dos sujeitos em relação às paisagens, uma vez que a memória social destes é marcada pelo intenso convívio com esse elemento tão emblemático na paisagem. De Melo (1983) aborda, com singular beleza, reflexões sobre o significado das águas dos rios:

Ser capaz, como um rio que leva sozinho a canoa que se cansa, de servir de caminho para a esperança. E de lavar do límpido a mágoa da mancha, como um rio que leva e lava. Crescer para entregar na distância calada um poder de canção, como o rio decifra o segredo do chão. Se tempo é descer, reter o dom da força sem deixar de seguir. E até mesmo sumir para, subterrâneo, aprender a voltar e cumprir, no seu curso, o ofício de amar. Como um rio, aceitar essas súbitas ondas feitas de águas impuras, que afloram a escondida verdade nas funduras. Como um rio, que nasce de outros, saber seguir junto com outros sendo noutros se prolongando e construir o encontro com as águas grandes do oceano sem fim. Mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio (DE MELLO, s/p, 1981).

O movimento das águas dos rios de uma bacia é eivado de geograficidade que (re) desenha os meandros da memória da sociedade que a vivencia (MOREIRA, 2007). As paisagens evidenciam as temporalidades impressas no lugar, uma vez que nelas existem distintas nuances da espacialidade e da memória social. Concorde-se com Ab'Saber, ao reconhecer a paisagem como herança, em suas significações plurais, pois, “[...] a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que



historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB’SABER, 2003, p.9).

Compreender a paisagem como herança possibilita reconhecer a memória que lhe é intrínseca. Assim, interpretá-la, desafia o curso dos tempos sob o limiar fecundo dos segundos, as fagulhas de vida memoráveis expressas em paisagens vividas e experienciadas pelos sujeitos sociais, essenciais à compreensão da Geografia do lugar.

### **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Compreende-se que a abordagem metodológica, pautada no viés de análise qualitativo, é o que melhor se adéqua às questões delineadas na pesquisa. Isso não implica em negligenciar os aspectos quantificáveis da realidade, pois entende-se que, sua análise é imprescindível, uma vez que os fatores quantitativos dão suporte à interpretação da realidade.

Assim, optou-se pela discussão teórica com base na articulação entre a dimensão social da memória e as categorias geográficas Lugar e Paisagem. Paralelamente, foi realizada a pesquisa de campo e o registro fotográfico, com o propósito de conhecer melhor as paisagens e os sujeitos sociais que vivenciam a bacia do Rio Coisa Boa. Além disso, fez-se necessário a sistematização do projeto cartográfico para o mapeamento da área de estudo. As reflexões presentes no estudo integram os resultados na primeira fase da pesquisa que, embora não esteja finalizada, apresenta um olhar inovador sobre a paisagem em análise.

### **MEMÓRIAS NO CURSO DAS ÁGUAS DA BACIA DO RIO COISA BOA**

Na perspectiva da hierarquia hidrográfica, a bacia do Rio Coisa Boa integra o alto curso da bacia do Rio Paraguçu, na Chapada Diamantina, mais precisamente no município de Andaraí. Todavia, ao vivenciar o lugar, percebe-se que a noção de bacia hidrográfica tem pouco significado para os sujeitos sociais pois, apesar de constituir-se concretamente no espaço, a bacia consiste num conceito geográfico abstrato e distante da realidade destes.

No entanto, a interpretação da paisagem do lugar, a saber, a bacia hidrográfica,



permite reconhecer como o modo de vida das pessoas é influenciado pela sua Geografia. O conceito de bacia hidrográfica pode ser sintetizado como um conjunto de terras drenado por um rio principal (GUERRA, 2008). A bacia do Rio Coisa Boa possui uma pequena extensão territorial, com aproximadamente 60 km<sup>2</sup>, com um relevo peculiar, muito inclinado em algumas áreas, o que viabiliza a formação de cachoeiras, *canions* e serras. O Rio Coisa Boa, principal canal fluvial da bacia, além de atravessar a vila de Igatu, integra também a memória social dos sujeitos que constroem suas vidas nesse lugar.

Os moradores mais antigos da vila de Igatu, principal núcleo de povoamento da bacia, têm suas histórias de vida marcadas pelo trabalho no garimpo de diamante nas margens, nos leitos dos rios e nas serras da bacia. O material de refugo do garimpo era utilizado para construção das casas de pedra na vila e segundo alguns relatos orais dos moradores, toda a paisagem da bacia sofreu interferência do garimpo artesanal.

Historicamente, no século XX, a vila de Igatu conheceu o auge e o declínio do garimpo de diamantes. Em decorrência disso, em 1970 ocorreu o esvaziamento populacional da vila. De acordo com os relatos orais dos moradores viviam aproximadamente 150 pessoas na vila nesse período. Atualmente, de acordo com o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, vivem aproximadamente 300 pessoas.

Na atualidade, o turismo ecológico é a principal atividade econômica desenvolvida em toda a bacia. Destaca-se o trabalho dos guias locais, pois a memória e o conhecimento deles permitem decifrar a paisagem, uma vez que esses sujeitos sociais conhecem as trilhas e as memórias ocultas na Geografia do lugar.

Torna-se evidente a relação entre as águas e o cotidiano dos sujeitos sociais que vivem em Igatu, e as cachoeiras têm se constituído nos novos diamantes do lugar. Essas águas são carregadas de representações que integram a memória social e a dinâmica das paisagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vila de Igatu configura-se como lugar de memória e encontro para os sujeitos que a vivenciam, tanto para a comunidade local, quanto para turistas e aventureiros que visitam e muitas vezes regressam ao lugar. Se constitui como lugar do encontro, da partida e da chegada para quem deseja vivenciar as paisagens da bacia do Rio Coisa Boa.



Considera-se as paisagens como heranças dos processos naturais, históricos e sociais do lugar. Compreendê-las, para além do visível, implica em reconhecer as suas múltiplas dimensões para aqueles que delas se apropriam. A dimensão socioambiental se manifesta de forma complexa, e considerar as experiências dos sujeitos em relação à natureza humanizada das paisagens possibilita compreender o sentimento de pertencer ao lugar.

**Palavras-chave:** Geografia. Memória Social. Paisagens. Representações.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DE MELO, Thiago Amadeu. **Como um rio.** Disponível em: <[http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=12333&poeta\\_id=313](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=12333&poeta_id=313)>. Acesso em março de 2017.

GUERRA, A. T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico.** 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia.** Niterói, ano 2, n. 3, p. 111-122. 2000. Disponível em:

<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/32/30>>. Acesso em: novembro de 2016.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma?** território/lugar, memória e representações sociais. Tese de doutorado. UFS: São Cristóvão, 2009.

MORAES, Walfrido. Jagunços e Heróis. A Civilização do Diamante nas Lavras da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. 212p.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. In: **Revista etc**, espaço, tempo e crítica Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas. Nº 1(3), vol. 1, 2007. Disponível em < [http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007\\_1\\_3.pdf](http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_1_3.pdf) > Acesso em: setembro de 2016.



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnicas e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Tempos longos... tempos curtos... na análise da natureza. **Geografares**, Vitória, nº 3, jun. 2002.